



QUANDO
NINGUÉM
ESTÁ
OLHANDO

ALYSSA COLE

**QUANDO
NINGUÉM
ESTÁ
OLHANDO**

**QUANDO
NINGUÉM
ESTÁ
OLHANDO**

ALYSSA COLE

Tradução de Thaís Britto



Copyright © 2020 by Temple Hill Publishing
Tradução publicada mediante acordo com a HarperCollins Publishers.
Esta obra não pode ser exportada para Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL

When No One Is Watching

PREPARAÇÃO

Milena Vargas

REVISÃO

Mariana Oliveira

Júlia Ribeiro

PROJETO GRÁFICO

Diahann Sturge

EMOJIS

© FOS_ICON / Shutterstock, Inc (páginas 33, 34, 310, 311 e 330, com exceção dos listados a seguir); © weberjake / Shutterstock, Inc. (página 209; adolescente e jóquei da página 311; mulher da página 330); © ASAG Studio / Shutterstock, Inc. (arminha de água e caveira da página 330); © robuart / Shutterstock, Inc. (homem de barba da página 330)

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

DESIGN DE CAPA

Nadine Badalaty

IMAGENS DE CAPA

© byllwill / E+ / Getty Images (fachada); © Plus69 / iStock/ Getty Images (plantas); cortesia da autora (foto)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C655q

Cole, Alyssa, 1982-

Quando ninguém está olhando / Alyssa Cole ; tradução Thaís Britto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrinseca, 2021.

400 p. ; 21 cm.

Tradução de: When no one is watching

ISBN 978-65-5560-209-8

1. Ficção americana. I. Britto, Thaís. II. Título

21-72885

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

“A situação do meu vizinho branco é bem mais difícil... Manter o que se tem é bem menos empolgante do que conquistar algo novo.”

— ZORA NEALE HURSTON, EM “HOW IT FEELS TO BE COLORED ME”, NO LIVRO *WORLD TOMORROW* (1928)

“No estudo da História, é espantosa a recorrência da ideia de que o mal deve ser esquecido, distorcido, deixado de lado... O problema, é claro, dessa filosofia é que desse modo a história perde seu valor como incentivo e exemplo; retrata homens perfeitos e nações nobres, mas não diz a verdade.”

— W.E.B. DU BOIS, EM *BLACK RECONSTRUCTION* (1935)

PRÓLOGO

Sydney

HISTÓRIA É UM NEGÓCIO MUITO LOUCO.

No outono passado, numa noite em que minha bunda já se acostumava à cadeira desconfortável do quarto de hospital onde mamãe estava, enquanto eu mexia distraída no celular, passei o olho numa matéria sobre um lugar chamado América Negra. Não me refiro àquele rótulo que os políticos usam para colocar nossos interesses numa caixinha de questões com as quais não precisam lidar de imediato, ou talvez nunca, mas a um lugar de verdade — um parque temático sobre escravidão, inaugurado no Brooklyn no fim do século dezenove.

Escravidão. A porra de um *parque temático*.

América Negra, o parque temático, foi descrito como “uma oportunidade para as pessoas do Norte do país que pertencem a uma geração para quem a palavra *escravidão* não passa de algo nebuloso de se familiarizar com a vida nos latifúndios coloniais”. E isso foi, tipo, vinte anos depois do fim da escravidão, veja bem. Assim, eu também fico nostálgica quando começa a tocar uma música dos anos 1980 no rádio, mas esses filhos da puta precisavam mesmo sentir saudade de possuir seres humanos?

Essa parte das “pessoas do Norte” era o que mais me irritava. O Norte *não* se lembra; na verdade, o Norte tem uma memória bastante seletiva. Como se a escravidão tivesse sido algo que aconteceu *lá embaixo*, mesmo que houvesse africanos escravizados construindo, plantando e colhendo ao lado dos holandeses no Brooklyn colonial.

As pessoas enterram as partes da história das quais não gostam e asfaltam por cima, como os cemitérios africanos debaixo dos arranha-céus de Manhattan. Mas nada fica realmente enterrado nesta cidade.

Enfim: América Negra.

Os brancos vinham para o Brooklyn fazer um passeio pelo “latifúndio colonial reproduzido fielmente”. Cantavam as músicas religiosas dos negros e tomavam suas bebidas enquanto assistiam a pessoas negras, pessoas negras livres, fingirem que eram escravas.

História.

Um negócio muito louco.

Depois que dei de cara com aquela matéria, a história do Brooklyn virou um refúgio para mim. Me ajudou a esquecer meu casamento fracassado e a constante memória sensorial das algemas machucando meus pulsos. Era algo a mais em que colocar minha atenção, para além da doença da minha mãe e do modo como tudo estava mudando. Tudo mesmo, não importava o quanto eu torcesse para o mundo parar de girar só por um maldito minuto.

Decidi pagar por um daqueles passeios turísticos caros do tipo “Edifícios históricos estilo Brownstone no Brooklyn”. Morei a maior parte da minha vida num daqueles lindos imóveis antigos,

a não ser pelos poucos anos em Seattle, mas precisava de uma distração e talvez de algo para dar vazão às minhas frustrações. Um passeio pago com cupom de desconto do Groupon e cujo ponto de encontro fosse a dois quarteirões da minha casa era mais barato do que terapia — e um milhão de vezes mais fácil de marcar.

Queria saber o que os guias turísticos falavam sobre nós ao conduzir as multidões pelas calçadas de ardósia rachadas de Gifford Place. Queria saber por que, afinal, os turistas diziam tantos “Oh!” e “Ah!” quando se amontoavam nas portas das nossas casas, olhando para os moradores em busca de um esplendor que há muito não havia ali.

Era um dia bastante outonal — a temperatura estava fria o suficiente para usar um blazer bonito e os carvalhos enfileirados de Gifford Place reluziam em dourado e vermelho. Fiquei impressionada com a beleza da minha vizinhança, banhada por aquelas cores quentes que contrastavam belamente com as fachadas de pedra e tijolo; quão linda ela sempre tinha sido apesar das décadas de desinteresse. De certa forma, a negligência havia sido uma espécie de escudo para nós, e ao testemunhar aqueles estranhos caminhando por ali com seus tênis confortáveis e suas câmeras Nikon penduradas no pescoço, eu sentia como se nossas muralhas tivessem sido violadas e uma horda as invadissem.

A guia do passeio, Zephyr, era branca, com cabelos castanhos e um sotaque britânico que lhe conferia uma espécie de autoridade bem-humorada, embora parecesse apenas ter decorado algumas informações da Wikipédia. Ela não sabia porra nenhuma sobre a minha vizinhança, *de verdade*, mas nem precisava. Os turistas não estavam ali para ouvir sobre o jardim comunitário da

mamãe ou sobre a vez em que deixaram uma cobra e cartas de tarô na porta da casa da srta. Candace porque pensaram que ela estava falando mal de alguém. Eles não queriam um mergulho antropológico na relação entre o dono da birosca e os apostadores da loteria, nem uma narrativa oral sobre a utilidade dos degraus da entrada de casa.

Zephyr era boa o suficiente para eles.

Ela apontou para a rua arborizada e pediu para imaginarmos o Brooklyn de antigamente. Fiquei olhando para os lugares onde havia ralado o joelho andando de patins e me enrolado toda ao pular corda, mas Zephyr estava falando de antigamente *de verdade*. Antigamente do tipo estradas de paralelepípedos, carruagens puxadas por cavalos e casas pertencentes à elite. Devia ser algo fácil de imaginar para todos no passeio — a rua estava silenciosa e quase vazia, como se meus vizinhos tivessem pressentido a chegada dos intrusos e se escondido na segurança de suas casas.

Começamos a caminhar, as folhas pisoteadas servindo de compasso para a voz musical de Zephyr.

— E aqui fica o antigo Centro Médico Gifford, que originalmente se chamava Vriesendaal Sanitarium, construído em 1830 e fechado em 2005 — disse ela enquanto contornava a cerca de arame que circunda o prédio onde eu nasci.

A arquitetura era extraordinária apesar das tábuas nas janelas, mas eu conhecia o prédio como Centro Mórbido, o hospital onde a incompetência ou os fantasmas ferravam você, então não fiquei muito impressionada.

— O imóvel esteve recentemente envolvido em uma polêmica, pois foi um dos locais sugeridos para abrigar o próximo cam-

pus da VerenTech Farmacêutica — contou Zephyr. — Houve protestos de ativistas locais que não querem a empresa aqui, apesar da promessa de centenas de empregos e da revitalização da área. Quem é contra a instalação do campus também não gosta da ideia de ter um centro de pesquisa de opioides numa comunidade que, segundo eles, foi oprimida pela polícia durante a própria epidemia de drogas.

Era um pouco mais complicado do que isso — minha melhor amiga, Drea, trabalhava na prefeitura e costumava contar para mamãe e para mim o que aconteceria se a VerenTech escolhesse nosso bairro, e não era nada bom. Pelo menos não para a gente.

— Essa gente nunca está satisfeita — resmungou um homem branco grisalho.

Dei uma encarada nele, e outras pessoas também, mas ele não pareceu se incomodar. Zephyr o ignorou e nos conduziu adiante.

Ao pararmos na porta de cada um dos edifícios, ela explicava com cuidado os detalhes da vida das pessoas brancas e ricas que moraram ali cem anos atrás — o que comiam, que tipo de roupa vestiam, como eram as festas que organizavam. Isso era legal e tudo o mais, mas, à medida que o passeio continuava, minha frustração — a raiva por ser apagada da minha própria vida de tantas maneiras que até perdi as contas — me fez levantar a mão do mesmo jeito que costumava fazer havia muitos anos, quando eu era o terror dos professores, antes de aprender que a curiosidade matou o gato. Zephyr estreitou os olhos em minha direção por um segundo, talvez pressentindo minhas intenções mesquinhas.

— Sim?

— Olha, até que essas coisas aí sobre os Vander-sei-lá-que-m são legais, mas a pessoa que vive aqui agora foi a primeira mulher negra a comandar uma empresa de engenharia — falei, petulante.

— Ah, é? Obrigada por compartilhar essa curiosidade com a gente.

Ela acenou para continuar o passeio e eu fui atrás, sorrindo, debochada, porque irritar as pessoas com histórias que elas não queriam reconhecer era divertido.

Paramos na frente da casa do sr. Joe, e Zephyr começou a falar sobre um arquiteto chamado Frederick Langston.

— O atual morador é um músico de jazz que já viajou o mundo inteiro tocando com grandes estrelas — interrompi. — Ele dá aulas de música para crianças agora.

— Que legal. Com quem ele já tocou?

A pergunta veio de um cara branco, alto e corpulento, com cabelo louro-escuro, sobrancelhas grossas e bochechas absurdamente enormes; ele perguntou depressa, como se estivesse tentando falar antes que Zephyr me interrompesse. Seu olhar estava focado, e algo no jeito como ele esperava pela resposta era tão intenso que fiquei meio desorientada.

A namorada dele, baixinha, de rabo de cavalo alto, cara de instrutora de ioga, cutucou o ombro dele.

— Theo. Para de atrapalhar o passeio — reclamou, como se ele tivesse acabado de baixar as calças em vez de ter feito uma simples pergunta, e depois olhou em minha direção, como se a bronca se estendesse a mim.

Meu sangue ferveu e eu só conseguia pensar “Filha da puta” diante daquele olhar de superioridade tão familiar. Por um momento, a cara da mocinha de rabo de cavalo se misturou à da enfermeira que olhou bem nos meus olhos e disse que minha mãe não precisava mais de remédios para a dor, mesmo que ela estivesse gemendo e se contorcendo na cama ali do nosso lado.

— Eu gosto das informações extras, ajudam muito — interrompeu Zephyr, embora seu tom de voz deixasse claro que não gostava nem um pouco. — Mas esse é um passeio sobre personagens históricos *importantes*.

— Essa é uma vizinhança historicamente *negra*, mas nenhuma dessas pessoas importantes que você mencionou é negra. Por que será?

O rosto dela enrubescou, mas Zephyr me olhou com um sorriso de atendimento ao cliente.

— Veja bem... senhorita. Estou apenas fazendo meu trabalho. Se tiver alguma crítica ao passeio, pode enviar suas sugestões aos organizadores. Ou talvez devesse, sei lá, começar seu próprio passeio? — disse ela, de um jeito animado, e voltou aos poucos ao roteiro.

Fechei a cara. Concordei com a cabeça. E então me virei e atravessei a rua em direção à birosca para pedir um pãozinho com ovo e queijo e um café bem doce e cheio de creme. Comida afetiva. Abdul estava do outro lado do balcão falando ao telefone, discutia com o senhorio e dizia que não podia arcar com mais um aumento do aluguel; aquilo não melhorou meu humor, mas brincar com Frito, a gatinha da loja, sim.

Passsei pelo grupo um pouco depois, enquanto aprendiam sobre filigranas ou alguma merda do tipo. Subi os degraus da casa da minha mãe e virei a chave na fechadura com um pouco mais de força do que o necessário. Os folhetos de propaganda que estavam na brecha entre a porta e o batente flutuaram até o chão.

Venda sua casa e lucre muito! Pagamos em dinheiro! Vendas rápidas e fáceis!, gritavam os papéis espalhados ao redor dos meus pés. O folheto mais perto da ponta da minha bota era de uma empresa chamada Good Neighbors LLC, e o slogan era: *Nós nos importamos com seu futuro!*

Eu ouvia a voz fraca de Zephyr ao fundo enquanto pegava aqueles folhetos e os amassava. Queria voltar e jogar aquela bola de papel no grupo do passeio, para expulsá-los dali. Queria ligar para a polícia e denunciar a presença de pessoas estranhas que poderiam estar observando a vizinhança com a intenção de planejar um assalto, como os novos vizinhos tinham feito na semana anterior — a polícia apareceu para importunar um cara que vivia ali havia vinte anos.

Mas a lógica prevaleceu — aquilo não funcionaria para mim. Eu já sabia a facilidade com que as autoridades acreditavam que alguém como eu era um problema a ser contido; um movimento errado e os abutres que rondavam a casa da mamãe iam conseguir o que queriam ainda mais rápido.

Olhei por cima do ombro enquanto entrava, principalmente para que Zephyr visse que aquela era a *minha* casa, não importava quem tivesse vivido nela no século dezenove, e peguei o cara de sobrancelha grossa me observando com atenção.

Fechei a porta com força na cara dele.

Seja bem-vindo ao aplicativo OurHood, feito para os vizinhos se manterem conectados e em segurança. Você foi aprovado como membro da comunidade GIFFORD PLACE. Por favor, use o site com responsabilidade e lembre-se de que cada um de nós pode tornar nossa vizinhança um lugar melhor!

CAPÍTULO 1

Sydney

NO PERÍODO MAIS INTENSO DO INVERNO, FIQUEI REVEZANDO entre o trabalho, as visitas ao hospital e as consultas médicas. Passei a primavera isolada do mundo, lidando com a depressão com a ajuda de um cigarro eletrônico de canabidiol e de doses generosas do conhaque Henny que tinha encontrado no armário de bebidas da mamãe.

Agora estou sentada nos degraus da entrada, como tenho feito todas as manhãs desde que começaram as férias de verão, e observo os vizinhos andando para lá e para cá enquanto tomo um café preto, sem açúcar, que já ficou frio.

Quando voltei para cá há um ano e meio, trazendo as cinzas do meu casamento e do meu orgulho em uma urna que eu não conseguia parar de xeretar, achei que estaria sentada aqui na porta com mamãe e Drea, a santíssima trindade da família recuperada — mãe, irmã postiça, filha pródiga. Mamãe cuidaria de sua pequena floresta de plantas espalhadas pelos degraus e também de mim, fazendo brotar novas e metafóricas folhas — mais fortes, mais resilientes. Drea se sentaria entre nós duas, como fazia desde que tinha onze anos, quando praticamente se mudou para

nossa casa, já que seus pais eram uns babacas e ficavam fazendo piada ou reclamando dos bicos que ela arranjava. Minha força viria delas e daquela vizinhança, que sempre tinha me apoiado. Mas não foi o que aconteceu; em vez de pisar em terra firme ali no concreto do Brooklyn, era como se agora eu estivesse atolada até o pescoço no cimento fresco.

Mês passado, no feriado de Quatro de Julho, escancarei a velha claraboia do último andar da casa em estilo Brownstone e fiquei sentada lá, sozinha. Quando era adolescente, eu, mamãe e Drea fazíamos piquenique no terraço em todo Quatro de Julho, o Brooklyn esparramado à nossa volta enquanto os fogos de artifício estouravam ao longe. Ao subir lá sozinha, já adulta, fiquei espantada com o entorno, que agora parecia claustrofóbico, com novos prédios ocupando a vizinhança onde, antes, a vista era livre. Guindastes emergiam de forma sinistra nos quarteirões vizinhos, como invasores num filme de alienígenas; suas sombras lembravam insetos gigantes, com olhos vermelhos, piscando à noite, as bandeiras americanas presas a eles tremulando de maneira ameaçadora, sinalizando que vinham em missão de paz quando, na verdade, estavam aqui para destruir.

Para refazer.

Talvez eu estivesse dando asas à minha imaginação, mas, mesmo no térreo, as diferenças eram avassaladoras. Por toda a vizinhança havia andaimes pendurados nos prédios, entulhos de mudança e pedreiros revirando as entranhas de casas onde brinquei com amiguinhos na infância. Novos condomínios, que pareciam uma pilha de caixas de sapato feias, surgiam em terrenos vazios.

A paisagem da minha vida inteira está irreconhecível; Gifford Place não parece mais a minha casa.

Suspiro, fecho os olhos e tento me lembrar da liberdade que sentia — a princípio como uma criança despreocupada e depois como uma adolescente sabe-tudo — ao parar, como uma rainha, neste último degrau, o mundo inteiro a meus pés. Três andares de tijolos centenários atrás de mim como um muro de proteção sólido, impregnado com o amor da minha mãe e dos meus vizinhos e a firmeza do meu quarteirão.

Naquela época eu saía descalça, mesmo que a srta. Wanda, que abria o hidrante para as crianças nos dias abafados como os que tivemos neste verão, dissesse que eu ia pegar uma micose. Sentir a frieza do concreto marrom daqueles degraus sob meus pés me acalmava.

Agora, chamam os bombeiros toda vez que alguém abre o hidrante, até quando usamos a tampinha que reduz o desperdício de água. Uso chinelos na minha própria entrada, não porque esteja preocupada com a infame micose, mas porque, de repente, sinto-me constrangida onde deveria estar confortável.

A srta. Wanda se foi; vendeu a casa em algum momento da última primavera, quando eu estava em posição fetal, deprimida. A mulher de quem fui vizinha durante quase a minha vida inteira foi embora e nem tive a chance de dizer adeus.

E a srta. Wanda não foi a única.

Cinco famílias se mudaram de Gifford Place em menos de um ano. Cinco não parece um número tão grande, mas cada um de seus imóveis tinha três ou quatro apartamentos, e a transformação era visível, para dizer o mínimo. Nem estou falando dos inquil-

nos. Chegou ao ponto em que sinto uma pontada de pavor toda vez que vejo uma nova pessoa branca no quarteirão. Quem eles estão substituindo? É claro que sempre houve alguns, inquilinos que não tinham dinheiro para morar em outros lugares, mas eram gente boa e não se metiam com ninguém. Esses novos proprietários eram diferentes.

Tem um casal mais velho, aposentado, que basicamente oferece jantares e cuida da própria vida, mas às vezes eles ligam para a polícia e reclamam do barulho. Tem também Jenn e Jen, as novatas mais simpáticas, cujo maior problema é que aparentemente disseram a elas que todas as pessoas negras são homofóbicas; elas fazem o possível e o impossível para normalizar sua presença, embora nunca tenham parado para pensar sobre as duas senhoras negras que moram na casa ao lado e que claramente não são irmãs nem amigas.

Também há as famílias jovens, como a que se mudou para a casa da srta. Wanda, ou aqueles prestes a começar uma família, como a Mocinha do Rabo de Cavalo e o marido do olhar focado que conheci no passeio histórico. Eles compraram a casa dos Payne, do outro lado da rua — parece que estavam *mesmo* rondando a vizinhança.

Eles não têm cortinas, então vejo o que fazem quando estão em casa. Ela está sempre quebrando algum troço quando está lá, reformando a casa, o que deve ser algum tipo de herança genética. Ele parece trabalhar de casa e gosta de andar sem camisa no terraço. Nunca vi os dois interagindo; se eu tivesse um homem seminu andando na minha casa, estaríamos interagindo bastante, mas isso não é da minha conta.

O latido estridente e repetitivo de um cachorro desesperado me desperta dos meus pensamentos.

— Porra, alguém bota esse cachorro na gaiola antes que os convidados cheguem! Terry! — berra uma mulher.

Em seguida, é um homem que grita:

— Minha nossa, calma, Josie! Arwin! Você deixou o Toby sair da gaiola?

Terry, Josie, Arwin e Toby são os substitutos da srta. Wanda. Eles nunca se apresentaram propriamente, mas com a gritaria constante eu logo aprendi os nomes.

Toby late sem parar enquanto eles estão no trabalho e na escola e, bem, sempre que está com vontade, porque é óbvio que precisa de mais exercício e de adestramento. Terry usa ternos mal ajustados para trabalhar, lança olhares maliciosos para as adolescentes da vizinhança e não cata o cocô de Toby quando acha que ninguém está olhando. Josie usa ternos sob medida para trabalhar, passa o fim de semana dividindo o jardim em lotes idênticos e publica obsessivamente mensagens no aplicativo OurHood reclamando das pessoas que não catam o cocô do cachorro.

Claude, minha primeira amizade colorida depois do divórcio, chamava meus novos vizinhos de “Becky e Marido de Becky”. Ríamos da maneira como espreitavam entre as cortinas, desconfiados, quando ele esperava por mim no carro, ou como apressavam o passo se ele estivesse parado na minha porta vestindo calça jeans larga e botas em vez de ternos bem cortados e mocassins.

Claude já é passado também. Mandou uma mensagem pouco antes do Dia dos Namorados.

Acho que não tá rolando mais.

Talvez houvesse outra mulher. Talvez eu passasse muito tempo me preocupando com a minha mãe. Talvez ele apenas tenha percebido o que eu tentava esconder: que minha vida era um carro desgovernado numa pista escorregadia, e a coisa inteligente a fazer era puxar o freio enquanto podia.

Quando Drea abriu a porta de casa e me viu ali fungando, agarrada a um pote de sorvete, me deu um abraço e depois me sacudiu pelos ombros.

— Garota. *Sydney*. Sinto muito que esteja triste, mas quantas vezes preciso repetir? Você não vai encontrar ouro enquanto insistir em garimpar no Riacho dos Pegadores.

Ela estava certa.

É melhor assim; um corpo quentinho na cama é bom no inverno, mas no verão fica quente demais para dormir de conchinha, a não ser que você fique com o ar-condicionado ligado direto, e eu, no momento, não tenho dinheiro para isso.

Noto que há um grupo de pessoas se aproximando lá do fim do quarteirão, perto do jardim, e coço o pescoço no mesmo lugar onde, há alguns meses, três mordidas inflamaram ao mesmo tempo. PERCEVEJOS-DE-CAMA foi o primeiro resultado que apareceu depois que pesquisei desesperadamente na internet “que porra são essas mordidas”. Colchões enrolados em plástico jogados no meio-fio são cada vez mais comuns ultimamente, pelo visto os percevejos andam pegando carona nas pernas sujas que aos poucos invadem a vizinhança. Mesmo depois de semanas vaporizando, alvejando e fervendo minhas roupas e lençóis, não

consegui me livrar da impressão de estar contaminada. Acordo no meio da noite com a sensação de que algo invisível está me consumindo — tenho que lixar as unhas para evitar me coçar até ficar em carne viva.

Talvez já seja tarde demais; talvez eu já esteja totalmente seca por dentro.

Pelo menos é assim que me sinto.

Sentada ali, curvada e sem esperanças, deixo a cabeça cair e o sol aquecer meu couro cabeludo.

O grupo que eu tinha notado, e que pelo visto são os convidados da semana para o brunch, se aglomera a poucos metros de mim na calçada, em frente à entrada da casa de Terry e Josie, e deixo a preguiça de lado: ombros eretos, queixo levantado. Finto estar totalmente despreocupada — bebendo languidamente meu café da birosca e fingindo que o suor não está escorrendo pela minha testa enquanto os encaro de modo nada sutil. Eles nem me dirigem o olhar.

Terry e Josie aparecem do lado de fora — ela, ostentando um corte de cabelo assimétrico e platinado que diz algo como *Gostaria de falar com o gerente*; ele, com um sorriso amarelo bem fingido. Os dois continuam com a cabeça virada para a frente e o olhar fixo nos amigos ao cumprimentá-los, como se eu fosse um cachorro num ferro-velho, que poderia rosnar se fizessem contato visual.

Acho que nem sabem que me chamo Sydney.

Nem quero saber qual é o apelido “engraçado” que usam para se referir a mim.

— A casa parece ótima — observa um dos amigos enquanto sobem a escada.

— Usamos a mesma empresa de Sal e Sylvie no *Flip Yo' Crib*
— responde Josie e se detém para que todos possam observar a nova porta vintage e o vitral logo acima dela.

Os pedreiros começaram a obra logo depois do Ano-novo, sempre de manhã cedo, acordando a mamãe toda vez que ela finalmente tinha conseguido ficar confortável para descansar. Na primavera, eu pulava da cama uma hora antes do meu horário na secretaria da escola, onde sorria o dia inteiro para crianças irritantes e seus pais igualmente irritantes — todo mundo é irritante quando tudo que você quer fazer é dormir e só acordar depois de anos.

Ou nunca mais.

— Vocês não têm ideia de como essas pessoas não valorizam a importância histórica do bairro — comenta Josie. — Tivemos que reformar tudo. Era como se tivesse um zoológico aqui antes!

Dou uma olhada de rabo de olho para ela. A srta. Wanda era da escola de limpeza “vapor de alvejante tão forte que queima os pulmões dos vizinhos”. Josie é uma maldita mentirosa, e posso provar isso graças a uma experiência de quase morte com um gás mostarda inesperado.

— As outras casas me parecem bonitas, principalmente esta aqui — diz a última pessoa na fileira de amigos, uma mulher com ascendência do Sudeste Asiático e um bebê amarrado ao peito com sling. — Parece um castelinho!

Sorriso ao me lembrar da época em que me sentava à janela da minha torre de tijolos de mentira, como uma princesa aprisionada, e meus amigos se amontoavam na calçada competindo pela oportunidade de me salvar da bruxa malvada que havia me

capturado. Hoje em dia é mais descolado dizer que a princesa deveria salvar a si mesma, mas acho que nunca experimentei essa sensação fora das brincadeiras de criança — ter alguém disposto a arriscar a própria vida, a saúde, tudo, para me salvar.

Mamãe me protegia, claro, mas ser protegida é diferente de ser salva.

Josie se vira no último degrau e faz uma cara feia para a amiga, porque aparentemente ela não havia sido desdenhosa o suficiente.

— As casas são bonitas, apesar de tudo. Não adianta colocar um monte de vasos de plantas horrorosos, isso não esconde a negligência.

Aaah, essa filha da puta.

— Verdade — respondeu a amiga, parecendo um pouco ansiosa ao acariciar as costas do bebê.

— Só estou dizendo que consigo rastrear meus ancestrais até Nova Amsterdã. *Eu* valorizo a história — afirma Josie, e se vira para entrar na casa.

— Bem, as árvores genealógicas por aqui têm muitas folhas faltando, digamos assim — comenta Terry, seguindo-a para dentro da casa. — É claro que eles não valorizam esse tipo de coisa.

Talvez eu devesse pular o corrimão da minha escada e ensinar a eles uma lição sobre a história do chute na cara, já que gostam tanto assim de história.

A mulher que levou o olhar atravessado me encara por um instante com um aceno de desculpas e compreensão antes de entrar na casa. A porta bate com força atrás dela.

Eu já estava cansada, mas agora há lágrimas de raiva invadindo meus olhos, embora eu já devesse estar imune a essas merdas. Não é *justo*. Não posso mais me sentar na entrada de casa e desfrutar da vizinhança como antigamente. Mesmo quando entro no apartamento, não me sinto em casa porque mamãe não está me esperando lá em cima. Sentada aqui, estou à beira do ataque de pânico que tem surgido com muita frequência; o chão sob minha bunda e a sola dos meus chinelos são as únicas coisas que me mantêm conectada a este lugar.

Só quero que tudo pare.

— Oi, Sydney!

Olho para o outro lado da rua e o alívio ao ver um rosto conhecido ajuda a me recompor. O sr. Perkins, meu outro vizinho de porta, e seu pitbull, Count Bassie, estão fazendo um de seus incontáveis passeios diários pela vizinhança. Mamãe foi com o sr. Perkins até a associação de proteção dos animais quando a esposa dele morreu, alguns anos atrás, e desde então ele e o cachorro marrom e branco são inseparáveis.

— Bom dia, Sydney, querida! — grita o sr. Perkins com sua voz rouca, e levanta o braço devagar sobre sua cabeça careca para acenar.

Count solta um latido alto e absurdamente grave, o equivalente em língua de cachorro a um *E aí, amiga*; ele me ama porque lhe dou queijo e outras deliciosas comidas humanas quando para perto de mim.

— Bom dia! — grito de volta, sentindo uma onda de energia só de vê-lo. Ele sempre esteve ali, cuidando de mim, da minha mãe e de todo mundo na vizinhança.

Em geral, ele já está acordado e fazendo seus passeios diários às seis da manhã, vai de porta em porta, faz visitas, ouve atentamente e mantém um sorriso no rosto. É por isso que o chamamos de prefeito de Gifford Place.

Neste momento, é provável que ele esteja a caminho do culto de sábado, a julgar pela calça cáqui e pela camisa bem passada. Count em geral fica sentado a seus pés, e o sr. Perkins brinca que, quando ele late junto com o coral, acerta mais as notas do que metade dos humanos que estão cantando.

— Você vai organizar aquele passeio a tempo para a festa do bairro na semana que vem? A Candace está no meu pé desde que você colocou na programação oficial.

Queria dizer que não, não está pronto, embora eu venha trabalhando nele pouco a pouco há meses. Seria a saída mais fácil, pois não sei se alguém iria querer fazer esse passeio mesmo que fosse de graça, ainda mais pagando por ele, mas... Quando eu contei para mamãe, morrendo de raiva, que Zephyr sugerira que eu fizesse meu próprio passeio, seu rosto se iluminara pela primeira vez em semanas.

Você vivia com o History Channel ligado, mudando para o “Segredos da Segunda Guerra” ou qualquer outro desses programas enquanto eu tentava assistir a minhas novelas. O que te impede de fazer isso?

Encontrar assuntos que eu poderia incluir no passeio virou um joguinho entre nós — era algo que podíamos fazer enquanto ela estava de cama, e isso nos mantinha ocupadas.

É a primeira vez que vejo aquele velho entusiasmo em seus olhos desde que voltou para casa. Estou feliz que esteja voltando

a ser você mesma, Syd. Mal posso esperar para participar do seu passeio.

— Como está sua mãe? — indaga o sr. Perkins, e a pergunta causa uma dor tão *real* que aproxima os joelhos do peito.

— Está bem — respondo, com raiva por mentir e envergonhada pelo ressentimento que me invade toda vez que preciso fazê-lo. — Odeia ficar longe de casa, mas isso não é surpresa.

Ele concorda com a cabeça.

— Não é mesmo. Yolanda ama este bairro. Quando a vir, diga que estou rezando por ela.

— Vou dizer.

Count, de repente muito ágil, dá o bote num resto de pizza jogado na calçada, e o sr. Perkins precisa correr atrás dele, dando um bendito fim àquela conversa dolorosa.

— Venha para a reunião de planejamento na segunda-feira — sugere ele com um aceno ao ir embora. — Tenho uns documentos para você.

Ele podia simplesmente me entregar tudo, mas acho que quer garantir minha presença. Ele me conhece bem.

Concordo com a cabeça e aceno com a mão. A janela da sala de Josie e Terry bate com força, dando um ponto-final à nossa conversa.

Dou um gole no meu café e escuto os passos de duas pessoas se aproximando na calçada.

— Bom dia! — cumprimentam Jenn e Jen. Estão de mãos dadas e andam pela rua em sincronia, com sorrisos combinando. Até o canteiro de cada uma no jardim complementa o da outra: o de Jen está todo florido, o de Jenn, cheio de vegetais.

— Bom dia! Tenham um belo dia, vocês duas — respondo quando elas passam por mim, soando como uma tia velha, ainda que elas provavelmente sejam poucos anos mais novas do que eu.

Não estou fingindo gentileza. Quero que saibam que, se a presença delas aqui me incomoda, não é porque andam de mãos dadas. É por causa de todo o resto. Preferia não ter que pensar em todo o resto, mas... a srta. Wanda se foi. Os Hancock. O sr. Joe.

Às vezes parece que todas as coisas sólidas e duradouras da minha vida estão escapulindo, como a areia que se esvai pelos meus dedos quando me sento à beira da água na praia de Coney Island.

De repente, me lembro de um dos nossos dias de mãe e filha na praia, quando eu tinha quatro ou cinco anos. Mamãe havia comprado um lanche para mim no Nathan's e uma gaivota deu um rasante e roubou da minha mão direita uma batata frita antes mesmo que eu conseguisse mordê-la. A maior batata. Eu tinha deixado por último. O choque inesperado daquele roubo e a injustiça me fizeram começar a chorar. Mamãe balançou a cabeça e riu ao secar minhas bochechas com os polegares ásperos por causa da areia e que cheiravam a ketchup.

— Amor, se quer proteger o que é seu, precisa segurar com mais força. Sempre tem alguém querendo roubar o que a gente tem, até esses malditos pássaros.

Estou tentando, mamãe. E odeio isso.

Um arrepio percorre minha espinha apesar do calor e, quando olho para cima, vejo que Bill Bil se aproxima. O nome dele

é William Bilford, corretor de imóveis, mas eu o chamo de Bill Bil porque ele fica irritado e, afinal, por que só eu deveria sofrer nesta história? Estou sozinha, meus vizinhos são uns babacas e esse picareta fica perambulando pelo bairro, tentando trazer mais deles.

Fecho a cara para ele. Está usando uma calça jeans que é grossa demais e justa demais considerando a temperatura e a distância que ele costuma percorrer. Há manchas de suor na área das axilas de sua camiseta cinza justa, o que dá uma ideia do show de horrores que deve estar acontecendo na parte de baixo. Seu rosto ostenta uma barba por fazer cuidadosamente modelada e olhos vermelhos graças a muita bebida, cocaína ou os dois. Seu cabelo castanho-claro, no entanto, sempre está bem arrumado, então ele não é um desastre completo.

— Olá, srta. Green — diz ele com uma piscadela e um sorrisinho malicioso que provavelmente funcionariam num boteco em Williamsburg, mas não têm qualquer efeito sobre mim.

— Olá, Bill Bil — respondo com uma vozinha aguda.

Seu sorriso ferino continua lá, mas o brilho nos olhos desaparece. Pego o cigarro avulso e o isqueiro que comprei na birosca e faço uma cena ao acendê-lo, a chama na ponta do cigarro. A fumaça que sai da minha boca é nojenta — *sinto o gosto* do câncer e, bem, talvez seja isso que torna a coisa prazerosa —, mas nos últimos tempos tenho fumado um para acompanhar o café pela manhã de vez em sempre.

— Isso é ruim para a sua saúde — comenta ele.

Sopro uma nuvem de fumaça na direção dele, na base da escada.

— Nada mudou desde as últimas dez vezes que você passou por aqui. Continuamos não querendo vender a casa. Tenha um ótimo dia!

O sorriso ferino fica ainda maior.

— Ah, sem essa. Estou só sendo simpático.

— Você está só tentando criar uma falsa sensação de camaradagem porque acredita que isso me fará confiar em você. E aí vai me convencer a vender a casa para embolsar sua bela comissão.

— Você acha mesmo isso? — Ele balança a cabeça, discordando. — Estou aqui tentando *ajudar*. Muita gente não sabe que basta se mudar para ganhar mais dinheiro do que teve a vida inteira.

— Mudar para onde? Para onde as pessoas vão se até este bairro aqui estiver caro demais?

Dou uma tragada no cigarro.

Ele dá um suspiro.

— É difícil mesmo, eu sei. Por que acha que estou aqui lutando? Também tenho muitas contas para pagar, mas não tenho nenhuma casa para vender e me dar muito lucro. Se tivesse, poderia pagar empréstimos estudantis, custos médicos — argumenta ele e dá de ombros, como se não pudesse evitar citar aquelas duas despesas específicas.

— Bem, há muitos abutres rondando por aqui. Se eu resolver desistir do bairro, tenho vários corretores de imóveis para escolher.

Minha mão treme ao levar o cigarro aos lábios mais uma vez, e tento não me atrapalhar.

O sorriso ferino vai embora.

— Você age como se eu fosse um canalha, mas acabou de comprovar meu argumento. Há muitos corretores interessados nesta área, sobretudo agora que o acordo da VerenTech está praticamente fechado. É a comunidade emergente do momento no Brooklyn.

— Comunidade emergente? — pergunto, inclinando a cabeça para o lado. — E a gente emergiu de onde? Do caldo primordial?

Ele ergue um pouco a sobrancelha, mas sei que não é porque registrou minha pergunta, mas porque o filho da puta está surpreso que eu saiba usar a palavra *primordial* numa frase.

— Veja bem. — Ele passa a mão no cabelo para trás e para a frente, mas sem estragar o visual. — Não sou um vilão que fica enrolando o bigode enquanto tenta colocar as pessoas no olho da rua. Nem sou um desses compradores que carregam sacos de dinheiro e cheques em branco tentando convencer as pessoas a fazerem um mau negócio. Sou só um cara normal fazendo meu trabalho.

Só fazendo meu trabalho. Quantas vezes ouvi aquela frase quando discutia com as pessoas a respeito da saúde, do dinheiro e do futuro da minha mãe? Todo mundo está só fazendo seu trabalho, principalmente quando o tal trabalho é lucrativo e ferra os outros.

— E eu sou só uma proprietária que já disse muitas vezes que não quer vender — respondo.

— Você não tem que vender — observa ele, indo embora em busca de alguém mais receptivo àquela baboseira. — Mas não vai conseguir parar a mudança, sabe disso.

Talvez ele nem estivesse tentando soar ameaçador, mas apago o cigarro na sola do chinelo e me levanto, subitamente inquieta. Depois de pegar minha bolsa de jardinagem no corredor de entrada e calçar o tênis, tranco a porta e vou até o jardim comunitário da mamãe. Nunca consegui manter nem uma suculenta viva, mas estou fazendo o melhor que posso. Vou lá todos os dias; trabalho bastante, mesmo que não tenha muito resultado para mostrar.

É o que me mantém próxima dela e afasta as pontinhas de culpa que estão sempre me cutucando. Dou um suspiro profundo e pego o telefone para ligar para ela — a ligação cai na caixa postal. Quando a mensagem começa — “Você ligou para Yolanda Green. Estou longe do celular ou então indisposta. Deixe uma mensagem, a não ser que esteja pedindo dinheiro, porque Deus sabe que eu não tenho” —, sinto um nó na garganta, como sempre.

— Oi, mamãe — digo depois do bipe, embora normalmente eu não deixe mensagens. — As coisas estão difíceis, mas estou aguentando firme. Só queria ouvir a sua voz, mas vejo você em breve. Te amo.

Post de Ashley Jones no aplicativo OurHood, Gifford Place

Para quem ainda não viu, aí vai um artigo sobre a escolha do antigo centro médico para ser a sede americana e centro de pesquisa da VerenTech Farmacêutica.

Asia Martin: *suspiro* Sinto muito. Sei que você, Jamel e Preston estavam protestando toda semana. O centro de pesquisa de drogas é legal, mas queria que tivéssemos tido isso em vez de confinamento e sequestro dos nossos bebês.

Candace Tompkins: Fato.

Jamel Jones: Nem me fale. Além disso, rolaram umas coisas bizarras nas reuniões do conselho comunitário. Um representante basicamente disse pra gente “foda-se a comunidade”. 🤔 A parte mais louca é que a prefeitura está pagando a ELES para virem pra cá! Para “revitalizar” a área. Mas nos ignoraram durante anos.

Candace Tompkins: Está mais para revitalizar os bolsos deles... Logo, logo eles começam a usar o domínio eminente.

Kim DeVries: Devíamos ficar felizes por essa crise farmacêutica estar sendo tratada com gentileza e compaixão. Vai ser ótimo para o bairro! Vejam como o sul do Brooklyn ficou muito melhor depois do acordo com a Ratner.

Drea Wilson: 😬

Candace Tompkins: 😞

(outros 75 comentários... veja mais)

Sydney Green nasceu e foi criada no Brooklyn, em Nova York, mas cada vez que ela pisca os olhos seu amado bairro parece mudar. Condomínios se espalham como erva daninha, placas de “vende-se” surgem da noite para o dia e os vizinhos que ela conhece a vida toda estão sumindo.

Para manter de pé tanto o passado quanto o presente da comunidade, Sydney decide canalizar sua frustração planejando um passeio guiado em que pretende contar a verdadeira história do local. Só que, para tornar o projeto realidade, vai precisar aturar seu novo vizinho, Theo, como assistente.

A pesquisa dos dois, entretanto, logo se transforma. O que era apenas uma distração vira uma história de paranoia e medo. No fim das contas, talvez os vizinhos não tenham se mudado para outros bairros e a revitalização do lugar seja mais mortal do que eles imaginaram.

Seriam apenas coincidências ou sinais de uma grande conspiração? Sydney pode confiar em Theo, ou ela também corre o risco de desaparecer? *Quando ninguém está olhando* nos conduz por um enredo hipnotizante e surpreendente, que aborda com perspicácia a violência racial e as assimetrias sociais, em uma sequência de eventos instigantes que aos poucos dão forma a um cenário de completo horror.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1115/